



Bissexualidade e emoções: uma abordagem socioantropológica

Bisexuality and emotions: a socio-anthropological approach

*Diego Sousa Schiavo Calmon*¹

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as especificidades das gramáticas morais e emocionais que acompanham os processos parciais de controle e exposição da informação de si, relativa à orientação e/ou identidade sexual de pessoas que se identificam como bissexuais. Situa-se na interface entre a abordagem construtivista da sexualidade, a antropologia das emoções e a sociologia interacionista. A análise versa sobre considerações acerca do “armário” no âmbito da bissexualidade, no que tange à difusão ou invisibilidade da identidade bissexual.

PALAVRAS-CHAVE: Bissexualidade. “Armário”. Identidade. Emoções. Invisibilidade.

ABSTRACT

The present work proposes a reflection on the specificities of the moral and emotional grammars that accompany the partial processes of control and exposure of self-information, related to the orientation and / or sexual identity of people who identify themselves as bisexual. It is located at the interface between the constructivist approach to sexuality, the anthropology of emotions and the interactionist sociology. The analysis deals with considerations about the “closet” in the scope of bissexuality, with regard to the diffusion or invisibility of bisexual identity.

KEYWORDS: Bissexuality. "Closet". Identity. Emotions. Invisibility.

* * *

Introdução

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as especificidades das gramáticas morais e emocionais que acompanham os processos parciais de controle e exposição da informação de si, relativa à orientação e/ou identidade sexual de pessoas que se identificam como bissexuais. Situa-se na interface

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. E-mail: diegocalmon22@gmail.com

entre a abordagem construtivista da sexualidade, a antropologia das emoções e a sociologia interacionista.

A primeira seção será destinada à análise do conceito de “armário”, tal como proposto por Sedgwick (2007). Serão demonstradas as sete considerações que a autora propõe para se compreender o “armário” na qual certas identidades sexuais são condicionadas ao sigilo e à invisibilidade social. O termo é de suma importância para os estudos sobre gênero e sexualidade na contemporaneidade. Na segunda seção, apresentam-se duas pesquisas brasileiras que tiveram, como principal preocupação, a análise de relatos e narrativas de pessoas que se identificaram como bissexuais e as respectivas formas de sociabilidade e reivindicações por legitimação da identidade bissexual no interior do ativismo LGBT². A terceira seção será destinada à análise de relatos oriundos de minha interlocutora, a Amanda. A exposição se baseia em duas cenas específicas em que a sexualidade, em especial a identidade bissexual tornou-se o tema central da interação social na qual era integrante.

Este artigo traz um recorte da pesquisa que resultou na dissertação de mestrado intitulada ““Personalidades foscas”: sexualidade e roteiro em jovens universitários no Rio de Janeiro” (CALMON, 2019)³. Na ocasião, foram entrevistados cinco jovens universitários, sendo três mulheres e dois homens, entre 20 e 28 anos de idade. Quatro entrevistados são residentes na zona norte e um na baixada fluminense, do Rio de Janeiro. Na época em que as entrevistas foram realizadas, todos se encontravam matriculados em cursos de graduação no campo das ciências humanas em universidades públicas no Rio de Janeiro. Para compor a proposta do trabalho, foram aproveitados relatos provenientes da segunda entrevista, realizada com a Amanda⁴, na

2 A sigla LGBT sintetiza o conjunto de identidades sexuais (e de gênero) que compõe o amplo cenário cultural das identidades sociais, possibilitando a promoção da diversidade sexual, de gênero e da luta por direitos civis das minorias sexuais. São elas: Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros. Em outra variante da sigla, como a LGBTQI+, amplia-se o escopo da diversidade sexual e de gênero ao abranger as pessoas que se identificam como Queer e, também, como intersexuais.

3 A respectiva pesquisa que resultou na dissertação de mestrado, ““Personalidades Foscas”: sexualidade e roteiro em jovens universitários no Rio de Janeiro” (CALMON, 2019), foi realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

4 A pedido de meus interlocutores, não foram divulgados o nome, o local de residência ou qualquer informação que possa comprometer a solicitação por anonimidade. O nome selecionado, Amanda, é, portanto, um pseudônimo.

época com 22 anos. O material selecionado é composto por duas cenas descritas pela entrevistada, na qual a identidade sexual é alavancada como o principal foco do engajamento situacional. No primeiro relato, apresenta-se um diálogo entre a Amanda e sua mãe. No segundo, a jovem discorre sobre como reagiu à interpelação da prima sobre a sua sexualidade.

O “armário” em Sedgwick

No campo das pesquisas sobre sexualidade, a obra de Sedgwick⁵ apresenta uma importante conceptualização sobre os binários, intimidade e revelação, privado e público, dentro e fora, que caracterizariam a epistemologia do armário. Este termo, segundo a autora, poderia ser considerado um dos principais dispositivos de regulação sobre a vida de gays e lésbicas que predominou no Ocidente e que sustentaria os privilégios de visibilidade e hegemonia de valores dos heterossexuais.

O segredo revelado, entretanto, não é concebido como um momento único onde os elementos binários se esmorecem e desacoplam a favor de um ou de outro. Os muros e fronteiras, as atualizações de esquemas de armários e táticas de sigilo, assim como o contínuo controle da informação sobre si, permanecem a vigorar na vida de gays e lésbicas. Tais atualizações se dão, em primeiro lugar, pelos efeitos da presunção heterossexista que produziria, por si só, implicações “invisibilizantes” para sexualidades que residem à margem da heterossexualidade. Esta consideração pode ser melhor compreendida a partir da seguinte passagem:

Mesmo em um nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas [...] cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos cálculos

⁵ Utilizo a versão condensada em SEDGWICK, E. K. 2007. "A epistemologia do armário". Cadernos Pagu, Campinas. Jan.-jun. 2007. N° 28, 19-54.

novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que elas não sabem se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante (SEDGWICK, 2007, p. 22).

O “armário” seria a figura alegórica que traduziria a estrutura definidora da opressão gay no século XX. Embora produza expressões tão comuns e de grande circulação como “assumir-se” ou “estar dentro do armário”, a relação entre segredo e exposição se torna problemática para estruturas econômicas e sexuais do gênero da cultura centrada na heterossexualidade. A “saída do armário” seria uma ameaçante figura ao colocar em evidência os limites imperativos do mapeamento acerca do binômio público e privado, concernentes ao que se deve silenciar e ao que possui autorização para exposição regular.

Refletindo sobre os riscos e restrições que pessoas gays sofrem ao optar pela saída do “armário”, a autora destaca sete formas de se relacionar com o tema, sobre o segredo aberto e suas consequências para quem, assim, pretende se posicionar. Esse conjunto de exposições podem sugerir indícios e ferramentas conceituais para um exame do armário de pessoas bissexuais em seus respectivos processos de auto revelação. É importante mencionar que Sedgwick (2007), embora deixe em evidência certo dualismo que constitui a produção de conhecimento sobre seu tema, concentra-se na perspectiva de homens gays e mulheres lésbicas⁶. Entretanto, pode servir como um importante ponto de partida para a compreensão das condições e possibilidades de afirmação das identidades sexuais. São elas:

6 Angelides (2001, p. 173) aponta para as implicações de que as oposições utilizadas para caracterizar a dinâmica do armário, e que se encontram relacionadas com outros pares presentes na história dos discursos sobre a sexualidade como masculino/feminino, natural/artificial, igual/diferente, ativo/passivo, tenderiam a marginalizar e reforçar o apagamento da bissexualidade. Para o autor, a marginalização é reforçada pela impossibilidade de representar a bissexualidade a partir das principais formulações binárias que compõem o quadro de referência de Sedgwick. Para sustentar esta estrutura binária, a bissexualidade deve ser ignorada ou elaborada consoante à própria lógica de termo duplo.

- a) Algumas questões de autoridade e evidência surgiriam no ato de “assumir-se” homossexual. A autora exemplifica com interpelações⁷ sobre a legitimidade do segredo revelado, pondo em xeque a veracidade daquilo que se é dito sobre si mesmo, o que evidenciaria “o quão problemático é o conceito mesmo de identidade gay e também quão intensa é a resistência a ela e o quanto à autoridade sobre sua definição se distanciou da própria pessoa gay – ele ou ela” (SEDGWICK, 2007, p. 38).
- b) “Assumir-se” seria um ato de intuição que se cristaliza com o tempo, já tendo perpassado por circuitos de “silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade”. Sedgwick (2007) conclui que a posição daquele que sabe algo sobre alguém que não sabe seria uma posição de poder.
- c) O segredo revelado pode ser visto como detentor de um risco patogênico que, ao ser exposto, traria prejuízos tanto para a pessoa que o possuía, quanto para quem convive ou conviveu com ela.
- d) As possibilidades do duplo prejuízo no caso da revelação seriam em parte pelo fato da própria identidade sexual do informado estar implicada na própria revelação. Esta colocação implica reconhecer que a identidade erótica é relacional e se encontra presente em estruturas de transferências e contratransferências.
- e) A relação do informante com o armário não termina no ato mesmo da exposição de sua orientação sexual, e, com efeito, mantém relação com o armário do outro – muitas vezes de forma turbulenta.
- f) Gays e lésbicas, na maioria das vezes, residem com familiares que não compartilham a mesma orientação sexual e que, muitas vezes, orientam-se por uma perspectiva homofóbica. Segundo a autora, a identidade gay é construída tardiamente e com dificuldade a partir de fragmentos de “uma comunidade, uma herança utilizável, uma política de sobrevivência ou resistência” (SEDGWICK, 2007, p. 40).

⁷ “Como você sabe que é realmente gay?” ou “Por que a pressa de chegar a conclusões?” (SEDGWICK, 2007, p. 37)

- g) Tanto fora quanto no interior de movimentos por direitos de homossexuais, as definições sobre os vínculos entre desejo e identidade gay cruzaram com as linhas definidoras da identidade de gênero, o que, em certa medida, esmaeceu a potencialidade definidora das categorias “minorias” e “gênero”, mas não sua capacidade performática.

Os sete pontos citados por Sedgwick podem sugerir um conjunto de problemas relacionados às demandas e expectativas, dificuldades, condutas e complexos emocionais relacionados à tentativa de estabelecer a revelação da orientação e identidade sexual. Por um lado, ainda que existam certas maneiras e convenções em comunicar um segredo, torna-se necessário dar consistência à natureza contextual, relacional e não hermética das relações estabelecidas entre o próprio armário e o dos outros.

O “armário” na bissexualidade

Por ordem cronológica das respectivas publicações, podem-se apresentar duas etnografias brasileiras, ambientadas no Rio de Janeiro, que procuraram investigar questões relativas à identidade bissexual, assim como algumas formas de sociabilidade e interações sexuais fortemente orientadas pela proteção do sigilo de seus membros. A primeira privilegiou práticas bissexuais entre homens que se identificaram, ou não, como bissexuais; a segunda etnografia privilegiou a reivindicação para a representatividade da identidade bissexual entre mulheres engajadas em um grupo não-governamental direcionado para a promoção dos direitos da comunidade LGBT.

Em seu artigo titulado “Bissexualidade masculina: uma identidade negociada?”⁸, Regina Ferro do Lago destaca algumas questões que nortearam sua pesquisa baseada em entrevistas e questionários de participantes

8 O artigo em questão é uma adaptação de dois capítulos da dissertação de mestrado da autora, pelo curso de saúde coletiva apresentada ao IMS/UERJ, em 1999. O presente artigo consta no livro *Sexualidade: um olhar das ciências sociais* (1999), organizado por Maria Luiza Heilborn.

masculinos, oriundos de um estudo epidemiológico chamado “Projeto Praça Onze”, no Rio de Janeiro. Segundo a autora, o crescente interesse pelo tema da bissexualidade masculina teria como correspondente o avanço da epidemia da Aids, pois estes seriam responsabilizados pela disseminação da doença entre a população heterossexual. Essa percepção, bastante difundida pelo senso comum, os posicionava como objetos de incessante suspeita⁹.

A autora ainda aponta, como outra fonte de desconfiança contínua, aquela dirigida por “indivíduos engajados na luta pela causa homossexual”, pois a identidade bissexual “não contribui na visão desses indivíduos, para a valorização social das identidades sexuais ditas alternativas” (LAGO, 1999, p. 157). O caráter marginal da identidade bissexual, decorreria, também, por ser “desprovida de elementos identificatórios publicamente partilháveis” (LAGO, 1999, p. 164).

O grupo estudado pela autora apresentou idade média de 28 anos e era formado por participantes oriundos de camadas médias-baixas e baixas que residiam na Baixada Fluminense. Os mesmos foram inseridos na pesquisa pelo método “bola de neve”, onde homens que já participavam do Projeto Praça Onze indicavam conhecidos e amigos para contribuir. Os questionários foram aplicados para um universo de voluntários que se definiram como bissexuais ou “homossexuais e assimilados”.

Lago (1999) aponta para a diversidade de posicionamentos referente às práticas sexuais e à autodenominação dos participantes: além dos participantes que se autodenominavam como bissexuais e que mantinham relações com homens e mulheres, haviam aqueles que mantinham relações sexuais apenas com mulheres ou somente com homens; outros voluntários se autodenominaram homossexuais, mas mantinham relações sexuais com homens e mulheres. O material recolhido apontou para elementos que corroboraram para a discussão sobre identidade sexual, esta concebida como

9 Um dos objetivos que orientaram a pesquisa foi a comparação dos questionários das duas categorias de voluntários no tocante à vulnerabilidade individual descrita em termos de conhecimento sobre HIV/Aids e mudanças no comportamento sexual. A primeira observação ressaltada pela autora é que, embora o nível de conhecimento sobre a doença seja alto, ele não se traduziria em termos de medidas efetivas de precaução em ambos os grupos. A autora adverte que os autodenominados bissexuais não apresentam indicadores de vulnerabilidade mais elevados que os autodenominados homossexuais e assimilados.

um “plano de construção simbólica em que intervêm valores e concepções de mundo que extrapolam o âmbito da sexualidade” (LAGO, 1999, p. 165). A identidade sexual não seria, em sua visão, uma mera descrição de práticas. Por mais que a atração desempenhasse um fator central, outros elementos se articulariam e concorreriam para a autodenominação dos participantes, dentre eles as redes de sociabilidade e as condutas sexuais.

Os dados levantados por Lago (1999), em relação à sociabilidade de homens bissexuais, são marcados fortemente pela administração do segredo. Aqueles que se identificavam nesta categoria apresentavam um nível maior de ocultação de sua identidade sexual, especialmente em relação aos familiares. De acordo com as entrevistas, as redes de sociabilidade eram delineadas em três esferas: a familiar, os amigos e os homens “eroticamente inclinados”¹⁰.

Em relação ao convívio familiar, Lago (1999) aponta para o peso dado à rede familiar nos relatos e, conseqüentemente, como instância de construção da identidade. Os entrevistados possuíam vínculos estreitos com outros membros das famílias e moravam com seus pais e outros parentes. O familiar constituiria, dessa forma, um valor demarcatório central no universo do estudo. A segunda esfera, relativa aos amigos e vizinhos, consistia em conhecidos que não frequentavam os locais de encontro destinados ao flerte e às práticas sexuais com outros homens. Os amigos desempenhariam o papel de confidentes e conselheiros¹¹.

Por fim, a terceira rede de sociabilidade se caracteriza por ser mais restrita e diz respeito exclusivamente aos outros homens com que se mantém relacionamentos sexuais. Os principais locais de encontro seriam bares, boates e saunas. De acordo com os relatos, as redes eram compostas por poucas pessoas, sendo formadas por duas a dez pessoas. Nenhum dos entrevistados tornava suas escolhas sexuais visíveis, onde, mesmo com os amigos, a discrição era sempre ressaltada, o que preservaria a exposição de

¹⁰ Refere-se ao conjunto de homens que mantinham relações sexuais entre si.

¹¹ Lago aponta para as enfáticas afirmações dos entrevistados ao alegarem que suas relações sociais não se restringiriam aos seus relacionamentos sexuais e que valorizavam os contatos com os amigos – estes podem ser entendidos como estando dentro ou fora do “meio”.

tais locais de encontro. O sigilo e a discrição eram sustentados com o intuito de manter fora de risco a identidade heterossexual¹² que procuravam preservar para pessoas “fora do meio”. Lago (1999) conclui que “a rede que ampara esse estilo de vida é diminuta e a clandestinidade é sua marca principal” (LAGO, 1999, p. 167).

O tema dos preconceitos, exposição e visibilidade da identidade bissexual também foi pesquisado por Elizabeth Sara Lewis a partir de seu trabalho de campo no Grupo Arco-íris (GAI), no Rio de Janeiro, intitulado “*Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais*”¹³(LEWIS, 2012). A autora, a partir da união entre a abordagem sociolinguística e teoria Queer, propõe refletir sobre questões relativas ao preconceito e à não aceitação da identidade bissexual, assim como sobre o processo de sair do armário e a construção “identitária-performativa-discursiva” de três mulheres do Grupo que se identificam como bissexuais.

A escolha pela análise de narrativas sobre sair do armário possibilitaria, por um lado, explorar o processo de construção da identidade bissexual, assim como as percepções sobre o preconceito, a bifobia e a invisibilidade presentes no momento da elaboração e afirmação das identidades no cotidiano das mulheres entrevistadas. Compreendidas como “dispositivos interpretativos através dos quais pessoas realizam *performances* identitárias para si mesmas e para outras” (LAWLER, 2002, *apud* LEWIS, 2012, p. 86), as narrativas tanto seriam situadas a partir das experiências de vida do narrador, quanto contextualizadas no momento mesmo em que, ao narrarem sobre si mesmas, o fazem sobre certos níveis de interesses sobre como gostariam de ser vistas. Estas criariam “ficções identitárias” que, ao relacionarem-se com a perspectiva Queer, poderiam ser

12 A homossexualidade, no contexto das entrevistas, era vista como um estigma. As categorias “bicha” e “viado” eram valoradas negativamente e tidas como características de homens efeminados. Tais categorias eram afastadas e rejeitadas pelo receio de “contaminação” de suas respectivas identidades.

13 O respectivo trabalho refere-se à dissertação defendida pela autora pelo programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, em 2012.

entendidas como *performances*¹⁴. O conceito de “performance narrativa” se referiria, então:

[...] a um lugar de luta para identidades pessoais e sociais, em vez de aos atos de um self como essência fixa, unificada, estável ou final que servia como a origem ou realizações das experiências [...]. Desde o ponto de vista de performance e performatividade, a análise das narrativas não é somente semântica, engajando-se na interpretação de significados, mas também deve ser pragmática: analisando a luta sobre significados e as condições e as consequências de contar uma história em uma maneira particular [...]. A identidade é uma luta performativa (LANGELLIER, 2001 *apud* LEWIS, 2012, p. 87).

Sobre o processo de sair do armário, a autora alerta que esta noção, amplamente presente no senso comum, não deve ser vista como um momento único, onde o indivíduo divulgaria uma verdade de si relativa à sua sexualidade. Ao contrário, seria um processo que se desenrola por toda a vida, principalmente por conta da tendência na sociedade heteronormativa¹⁵, cuja presunção inicial seria a de que o indivíduo é heterossexual até o momento em que decide sair do armário ao se assumir homossexual ou bissexual. No entanto, para quem se identifica como bissexual, este processo requer um duplo esforço: afastar-se tanto da heteronormatividade, quanto da

14 O conceito de performatividade faz referência à teoria dos atos de fala do filósofo e linguista J. L. Austin, onde certos enunciados formais “performariam” ações ao exercer poder vinculante. O conceito, no entanto, foi adaptado pela filósofa Judith Butler para descrever como que o gênero, ao invés de ser pensado como um substrato da essência do indivíduo, seria produzido e negociado no interior mesmo de regimes reguladores, onde se requer formas ritualizadas e repetitivas de comportamentos. Segundo Butler, o gênero seria criado como temporalidade social por meio de repetições estilizadas, como atos corporais e gestos (BUTLER, 2015, p.242). As identidades, na perspectiva da teoria queer, não seriam expressões da essência individual, mas seriam “dinâmicas e construídas discursivo-performativamente na linguagem” e também que “as categorias da sexualidade que usamos (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, etc) não são fatos naturais, mas são sócio-histórico-culturalmente construídas” (LEWIS, 2012, p. 16).

15 Em sua clássica obra, *O tráfico de mulheres* (2017), Gayle Rubin, a partir de um tema clássico da antropologia estruturalista, analisa que a divisão do trabalho baseada no sexo sustentaria a divisão entre homens e mulheres, impedindo sua uniformidade. Seria então um “tabu” que dividiria o sexo entre duas categorias mutuamente excludentes, exacerbadas pelas diferenças anatômicas. Cria-se, então, o gênero. Por outro lado, seria “um tabu contra arranjos sexuais diferentes daqueles que envolvam um homem e uma mulher, prescrevendo, assim, o casamento heterossexual” (RUBIN, 2017, p.30). Logo adiante, Rubin conclui que: “a organização social seria baseada no gênero, na heterossexualidade compulsória e na imposição de restrições à sexualidade feminina” (RUBIN, 2017, p. 31).

homossexualidade presumida. Ou seja, as pessoas bissexuais experimentariam “uma espécie de armário duplo de ambos os lados do binário heterossexual/homossexual” (LEWIS, 2012, p.90).

Segundo a autora, é comum que os dados analisados estejam fragmentados em pequenas histórias sobre interações sociais onde a identidade sexual é ocultada, exposta e negociada. As compilações de pequenas narrativas estariam consoantes à própria condição processual do ato de sair do armário e demonstrariam, por sua vez, os encadeamentos de negociar a inclusão social.

Baseando-se em uma extensa bibliografia sobre bissexualidade e nos dados recolhidos nas entrevistas do Grupo Arco-Íris, Lewis (2012) explora alguns padrões na forma de descrição da bifobia. Dentre os diversos argumentos apresentados e que sustentariam algum tipo de preconceito frente à identidade bissexual, podemos destacar quatro: “a bissexualidade não existe”; “ou hétero ou homo”; “a bissexualidade é só uma fase”; “poliamor, promiscuidade, infidelidade”

As três primeiras concorrem para o apagamento da bissexualidade como uma identidade ou orientação sexual legítima. A desautorização de se assumir bissexual se dá, primeiramente, pela negação total de sua existência. A segunda maneira atua ao discernir e contemplar as orientações sexuais em termos binários e rígidos caracterizados pela heterossexualidade e homossexualidade.

A noção de que a bissexualidade seria uma fase temporária evidenciaria traços de insegurança e imaturidade frente às performances identitárias bissexuais. Analisando alguns relatos, Lewis (2012) demonstra que uma tática para se referir a uma qualidade passageira da bissexualidade seria a sobreposição do verbo “estar” ao “ser”, no momento de se referir às pessoas bissexuais. Ou seja, a pessoa “está” bissexual, ao invés de “ela é”. Lewis (2012) comenta que esta tática de deslegitimar seria menos usual se tratando de pessoas homossexuais e heterossexuais (LEWIS, 2012, p. 155).

A quarta forma de caracterizar a bissexualidade pressupõe a sua legitimidade. No entanto, esta seria acompanhada “pelo medo que as pessoas

que se identificam como bissexuais necessitem sempre de um homem e de uma mulher” (LEWIS, 2012, p. 158). Associa-se, então, a um conjunto de noções tais como infidelidade, “poliamor”, promiscuidade. Por um lado, esta associação se baseia na “super-sexualização” discursiva das pessoas que se identificam como bissexuais, criando uma imagem de indivíduos não confiáveis e portadores de doenças. Por outro lado, evidencia-se uma percepção, comumente compartilhada, de que a legitimidade da identidade bissexual teria, como pré-requisito, a necessidade simétrica da satisfação sexual com homens e mulheres.

As duas etnografias apresentadas permitem elucidar um complexo campo de identificações, interações sociais e propagação de preconceitos em relação à identidade bissexual. Algumas considerações podem ser feitas, por mais que os pressupostos teóricos e metodológicos e os campos de pesquisa sejam distintos.

Questões relacionadas à invisibilidade da categoria bissexual se apresentam de duas maneiras distintas nos respectivos trabalhos. Na exposição de Lago, o sigilo é incorporado como condição para a interação entre os homens que mantêm relações sexuais entre si. O segredo reivindicado, e compartilhado entre informantes e amigos íntimos, estaria relacionado com a própria elaboração da identidade sexual dos participantes, na medida em que há um forte receio de serem percebidos como homossexuais. Para homens que se identificaram como bissexuais, a exposição de suas práticas sexuais para além da rede de reconhecimento mútuo poderia significar a solidificação de uma identidade homossexual indesejada.

Na análise de Lewis, no entanto, a estratégia apresentada pelas informantes e referente à contestação de suas identidades sexuais se caracteriza pelo caminho inverso ao universo masculino estudado por Lago (2012). Neste caso, a invisibilidade ou apagamento da identidade bissexual se transforma em pauta para o engajamento no movimento LGBT. As formas de apagamento descritas anteriormente, o que por si só exemplifica um conjunto de preconceitos relacionados à bissexualidade, devem ser contrastadas com a afirmação contínua da identidade sexual, o que fortaleceria a visibilidade das

pessoas que se identificam como bissexuais tanto no Grupo Arco-íris, quanto fora dele.

Os medos e receios ressaltados em ambos os casos estão associados às questões sobre a identidade e as formas de sociabilidade específicas. Enquanto que a visibilidade no primeiro caso é vista como ameaça à manutenção da masculinidade dos participantes, cujo principal receio é o de serem vistos como homens gays, no segundo exemplo ela se transformaria em uma importante ferramenta de combate à bifobia, considerando a natureza engajada em movimentos sociais de seus participantes. Torna-se evidente que a própria rede de sociabilidade é ela mesma condicionada e sustentada por questões relativas à exposição de seus membros e às fronteiras identitárias oriundas dessas formas de interações e engajamentos sociais.

De maneiras distintas de se relacionar com a identidade sexual, a própria identidade bissexual é alvo de contestações. No primeiro exemplo, o medo de ser compreendido como homossexual ou efeminado é contrabalanceado pela mobilização do desprezo às imagens que coloriam em risco a manutenção da masculinidade. No segundo exemplo, a contestação sobre a identidade bissexual é confrontada pelo orgulho mobilizado a partir de um modelo específico de engajamento e ativismo social, cujo principal objetivo seria justamente erguer a bissexualidade como uma possibilidade legítima de identificação. Os dois complexos emocionais citados atuam diretamente pela contestação do par visível/ invisível, embora os interesses particulares e a mobilização de afetos se diferenciem quanto ao objetivo desejado.

Os exemplos citados não esgotam as possibilidades de elaboração de um campo exploratório das práticas bissexuais, mas possibilitam refletir sobre certos indícios e pistas para uma investigação em torno da constituição e prolongamento do armário de pessoas que se identificam como bissexuais. Torna-se essencial consolidar a percepção relativa às distintas e complexas manifestações interativas que compõem as redes de sociabilidade para a reflexão sobre o papel da exposição da identidade bissexual. Em outras palavras, não há como se pensar em um modelo unitário de armário que

abarcaria todas as possibilidades e dificuldades que constituem o binário privado e público.

Deve-se levar em consideração a natureza contextualizada em que emergem as interações sociais específicas. Da mesma forma que as demandas por reconhecimento, os complexos emocionais, as condutas sexuais e os efeitos do preconceito e da invisibilidade são, eles mesmos, localizados em contextos específicos e permeados por relações de gênero, classe social e etnia, por exemplo. Ignorar tais considerações levaria ao equívoco de se conceber a bissexualidade e o armário das pessoas bissexuais como categorias universais, independentes das condições históricas, sociais e culturais em que eles se encontram situados. A seguir, dois intercâmbios comunicacionais serão analisados na medida em que as possibilidades de exposição ou ocultação do desejo ou identidade sexual permanece orientada pelos contornos que a interação social se desenrolou.

A família em cena

Na segunda entrevista que realizei, a relação entre a mãe e a filha pode ser lida a partir dos contornos estabelecidos entre o sigilo e a exposição. Neste caso, há duas relações engendradas pela perspectiva do armário, a primeira partindo da mãe e a segunda da filha.

Diego: E com a sua mãe? Como que foi?

Amanda: Com a minha mãe? É porque minha mãe é lésbica. Foi muito doido, porque foi uns dias depois de eu ter terminado e eu estava contando pra ela. Ela começou a chorar e ficou muito mal, porque ela era apaixonada pelo meu ex. Ela achava que a gente ia casar e essas coisas. Eu falei que a gente era amigo ainda e que a gente está bem. Mas ela: ‘Mas, isso está errado. Como você pode ser amiga dele?’ Ela ficou querendo que eu não falasse mais com ele porque iria fazer mal a ele e que seria escroto da minha parte. Eu fiquei mal com ela por achar que eu estava sendo escrota por querer ser amiga dele. Depois ela perguntou: “O que você acharia se alguém da família, alguém que você conhece, fosse homossexual? O que você acha da homossexualidade?”. Eu

falei que achava tranquilo, mas falei que as pessoas da família eram preconceituosas. Falei que tinha amigos e que era “super” aceito. Eu sempre falei essas coisas em casa, eu sempre expressava o que eu sentia sobre isso. Só que eu nunca falei que eu era também. Eu meio que já desconfiava. Ela vivia brigando com a amiga e não era briga de amigos, sabe? Isso é um “DR¹⁶”. Eu já sabia, mas não sabia como falar isso pra ela. Eu queria que ela me contasse, mas perguntei se ela estava namorando uma mulher. Eu acho que foi até errado da minha parte. Aí ela ficou olhando assim pra mim: ‘você está maluca? Por que você acha que eu faria algo assim?’ Aí eu pedi desculpas e ela ficou rindo, ficou muito sem graça. Aí ela falou que era e que gostava e falou: “Então, não tem a Vânia, a minha amiga? Então, é ela”. Ela começou a contar mais ou menos a situação, mas não foi nesse dia que eu contei pra ela.

Diego: Como você se sentiu quando sua mãe contou isso pra você?

Amanda: Eu fiquei feliz porque ela confiou em mim. Ao mesmo tempo fiquei muito triste porque ela está vivendo um dilema. A namorada dela acha que ela tem que se assumir pra família. A família da namorada dela sempre soube e ela é bem aceita na família. Minha mãe meio que se descobriu velha já, depois de três filhos. Essa moça nunca teve filho. Ela fica cobrando isso da minha mãe e ela fica muito mal. Ela fica me pedindo conselho. Olha isso, a mãe pedindo conselho pra filha. Eu vivo falando pra ela terminar apesar de ela ser uma pessoa bem legal. Eu falo: “Mãe, ela não pode te cobrar isso. Como que você vai se assumir assim pra família?” Eu fico muito triste com isso, por ela ter que passar por isso e ter que ficar se escondendo.

O relato acima demonstra o entrelaçamento entre a relação familiar e as identidades sexuais entre as duas pessoas. O primeiro ponto a destacar seria o momento em que a mãe decide contar para a filha, após estar comentar sobre o término do seu namoro. Embora o assunto não fosse o mesmo, ambos estão associados a relacionamentos amorosos e parece ter sido um gancho para a segunda conversa que se seguiu. Tal como apresenta Sedgwick:

Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum

16 Expressão que significa “discutindo o relacionamento”.

tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade (SEDGWICK, 2007, p. 38).

Nesse sentido, a familiaridade da filha com a sociabilidade entre amigos gays e sendo algo “super aceito”, favoreceu estabelecer, na interlocução entre mãe e filha, a possibilidade de uma rede de confiança para tratar do assunto. A confiança depositada na filha é valorada positivamente e desdobrada na nova dinâmica que se estabeleceu entre elas, onde a entrevistada se viu na posição de “conselheira”. A relação entre “desacreditável” e “desacreditado” parece não se sustentar na relação interpessoal, embora ressurgisse nas exigências da namorada da mãe sobre a exposição do relacionamento amoroso. A família, sendo “preconceituosa”, acaba por acionar as preocupações em torno do sigilo, engendrando um novo “dilema” para a tríade que se estabeleceu. Tal como a Sedgwick adverte: “Assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro” (2007, p. 40).

Outro ponto destacado pela autora seria a implicação da identidade sexual do ouvinte no próprio ato de revelação. A autora adverte que a identidade sexual é sempre relacional e nunca circunscrita em si mesma e deve ser entendida dentro de “uma estrutura de transferência e contratransferência”. Neste caso, a dinâmica afetiva que se estabeleceu foi facultativa das implicações mútuas entre a mãe lésbica e a filha bissexual.

A difícil consciência sobre a extensão do conhecimento que as pessoas possuem sobre o armário é evidente no relato. A filha desconfiava da mãe, em seus termos, ao perceber discussões entre ela e sua namorada. Durante a conversa, optou por perguntar à mãe se ela estava namorando uma mulher e em seguida, foi questionada sobre a pergunta: “Você está maluca? Por que você acha que eu faria algo assim?”. A mãe, que havia ficado “sem graça” e risonha, por fim, confirmou a interrogação da filha.

A extensão do conhecimento sobre o armário é explicitada por Sedgwick:

Mesmo num nível individual, até entre pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. [...] Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Em outro momento da entrevista, a jovem apresenta outra cena onde a dualidade sigilo e exposição em relação a sua sexualidade emergiu como foco de atenção entre os interlocutores:

Amanda: Tem um primo meu que é mais novo. Ele tem quinze anos, ele sabe. Eu contei pra ele porque ele vive me contando as coisas, mas pedi pra não contar pra ninguém. Eu nem sei se ele falou. Eu tenho até um pouco de medo disso, dele ter falado, mas eu acho que não. E tem minha prima que é irmã desse garoto. Ela acha que é anormal a pessoa ser homossexual ou bissexual. Ela é muito hétero. No carnaval eu saí com meus amigos da faculdade no Centro e a chamei. Aí o X., como sempre me expondo, falou assim: ‘Aqui nesse grupo só tem sapatão e viado’. Nem fala bi né? Só sapatão e viado. ‘Só o Y., aqui, que tem a cota de hétero’. A gente estava fazendo meio que uma fila, sei lá, pra um andar um atrás do outro, aí eu falei: ‘Fodeu’. Eu nunca me senti tão tensa na minha vida assim. Eu pensei: ‘Eu não tive problema pra falar com a minha mãe e tenho com a minha prima que tem a minha idade’.

A reciprocidade presente na troca de experiências sugere uma condição importante para a possibilidade de comunicação sobre o “armário”. Assim como a mãe e seus amigos, o primo se insere dentre as pessoas com quem se torna plausível dialogar sobre experiências sexuais e afetivas. Por outro lado, como aponta Sedgwick (2007), a dúvida sobre até onde vai o conhecimento de outras pessoas sobre a “identidade gay” é uma fonte constante de medo e receio. A possibilidade da extensão da exposição por outras pessoas não possibilita a integralidade do controle sobre o sigilo, bastando um integrante

do grupo que não possui o conhecimento fazer uma exclamação jocosa para transformar a situação festiva em uma situação “tensa”.

A prima, “muito hétero”, por achar “anormal a pessoa ser gay ou bissexual” surge como personagem de destaque dentre os demais colegas. A tensão entre “desacreditável” e “desacreditado” ressurge na medida em que sua prima não compartilhava de uma “carreira moral” semelhante e, também, não estava incluída dentre os “informados”. As duas categorias são facultativas das redes de sociabilidade que se cristaliza em torno de um estigma semelhante ou aproximado. A primeira designa as pessoas que compartilham:

experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu – uma “carreira moral” semelhante que é não só causa como efeito do compromisso de uma sequência semelhante de ajustamentos pessoais¹⁷ (GOFFMAN, 2012, p. 41).

O amigo Y., quem tem “a cota de hétero”, seria o “informado”, ou seja, a pessoa que não compartilha de uma carreira moral semelhante, mas estabelece laços afetivos com as pessoas que compartilham e sem estabelecer uma relação de tensão em relação ao estigma¹⁸. A prima, no entanto, é a única pessoa presente que estabeleceria a tensão sobre o conteúdo dos enunciados presentes na conversa entre os amigos. O medo gerado pela percepção da falta de controle sobre o controle da informação ressurge, tal como presente na dúvida sobre o possível rompimento do sigilo pelo primo mais novo. Após o comentário do amigo X., o relato continua:

17 Deve-se, no entanto, evitar a força de presunção do termo “carreira moral” ao delinear a trajetória de uma pessoa e de um grupo como equivalentes. Da mesma maneira que “a história natural de uma categoria de pessoas com um estigma deve ser claramente diferenciada da história natural do próprio estigma” (GOFFMAN, 2012, p. 41). Os termos “carreira moral” e “informados” foi utilizado para delimitar as proximidades e distanciamentos do envolvimento dos integrantes de um grupo na cena relatada. Enquanto um grupo de amigos formado por “gay”, “sapatão”, “bissexual” e “heterossexual”, torna-se inequívoca destacar a incompatibilidade de uma “carreira moral” única. Entretanto, a trajetória individual de cada participante se estende além do escopo analítico do trabalho. Segundo a entrevistada, há uma forte tendência a se relacionar amistosamente com pessoas LGBT’s, e a evitar, principalmente, os homens heterossexuais.

18 É importante frisar a relatividade do termo “estigma” utilizado por Goffman. Dentre os amigos, o termo perde a carga de julgamento, o que não acontece em relação à prima “muito hétero”.

Amanda: Ela olhou na hora assim pra mim e me perguntou se eu era hétero. Eu tentei mentir, mas não consegui. Eu tive que falar. Ela ficou assim olhando e eu só pensava: “Fodeu, fodeu”. Eu até fiquei bolada com o X. Ele me fodeu. Porque ela é super aquele estereótipo de hétero, infelizmente. Aí depois, quando a gente parou, a gente estava num bloco lá, eu fui e expliquei pra ela. Eu não fui totalmente sincera, porque, enfim, é uma questão muito complicada. Fiquei com medo dela falar pra família toda. Achei que seria a minha vez de ser massacrada pela família. Lá na minha família é assim, todo o mundo unido e todo o mundo sabe o que acontece. Aí eu fiquei meio preocupada com isso. Eu falei que já tinha ficado com uma amiga, mas meio que na brincadeira, que eu nunca me apaixonei por mulher e tal. Até então eu realmente não tinha me apaixonado, foi logo depois, mas eu falei que era uma brincadeira entre amigas e que não era pra levar a sério.

Após ser questionada pela prima, a jovem elaborou uma resposta onde conta parcialmente sua dinâmica afetiva com pessoas do mesmo gênero. A paixão em seu relato possui um papel de destaque para a ratificação de uma imagem heterossexual. Por outro lado, o termo “brincadeira” parece isentar a jovem de interesses verdadeiros, onde o que estaria em jogo seria menos o interesse sexual ou afetivo do que um divertimento amistoso. A estratégia elaborada em torno do sentimento possibilitaria à jovem gerenciar as impressões de sua prima a seu respeito o que implica na manutenção do próprio armário.

Goffman, em “Os quadros da experiência Social” (2012), examina a categoria “brincadeira” a partir das diversas possibilidades de “tonalizações” que o engajamento entre indivíduos numa determinada atividade pode obter. Por “tom”, entende-se o

conjunto de convenções que uma dada atividade, já significativa em termos de algum esquema primário, é transformado em algo pautado sobre esta atividade, mas visto pelos participantes como algo muito diferente. O processo de transcrição pode ser chamado de tonalização (GOFFMAN, 2012, p. 71, 72).

O processo de “tonalização” de uma atividade envolve materiais significativos de acordo com o esquema de interpretação, onde a atividade entre seus membros possa ser reconhecida como uma alteração sistemática de um esquema primário. Os esquemas primários seriam, então, as atividades em que não houve qualquer processo de “tonalização”, onde uma briga entre dois amigos é concebida como tal, ao invés de uma brincadeira baseada em uma arte marcial. As transformações do “tom” não significam necessariamente um *déficit* na performance dos engajados em uma atividade, mas orienta os esquemas de interpretação sobre o que esta atividade representa.

Segundo o autor, uma das modalidades básicas de “tom” utilizada seria “faz-de-conta”, onde uma atividade é tratada com imitação declarada e ostensiva entre os participantes e na qual a razão prática para seu engajamento seria oriunda da satisfação imediata que a ação proporciona, tal como em um “passatempo” ou “entretenimento”. Por outro lado, espera-se a absorção dos participantes no “discurso dramático da atividade”, pois, caso contrário, a própria atividade não se sustentaria. Por fim, quando um indivíduo se engaja em uma atividade do tipo “faz-de-conta”, o principal precedente sobre seus atos seria o de “não ser tomado ao pé da letra” (GOFFMAN, 2012, p. 76).

A jovem, ao relatar uma faixa de atividade onde o engajamento entre duas pessoas resulta em uma interação erótica e a designa como “brincadeira”, propõe à sua interlocutora que o curso da atividade não deveria ser tomado ao pé da letra, mas como um divertimento entre duas amigas. O que estaria em jogo, então, seria menos o envolvimento afetivo que o empenho em uma brincadeira que se tornou possível pela “tonalização”. Ao relatar nunca ter se apaixonado por uma mulher e o que se tratava era uma “tonalização” de envolvimento afetivo ou eróticos, a jovem possibilita um esquema interpretativo onde sua conduta não a desacreditasse frente a interpelação da prima.

A “paixão”, por sua vez, possui papel de destaque. Em sua obra “*Unnatural Emotions*” (1998), Lutz examina o conjunto de discursos que toma

as emoções como objeto de análise no Ocidente. Dentre as formas ocidentais em se conceber as emoções, a autora destaca a sua relação com a subjetividade (LUTZ, 1998, p. 70). A primeira relação entre os termos está ancorada na perspectiva de interesse individual: “Dizer que os indivíduos estão agindo emocionalmente é dizer que eles estão agindo com base em um interesse pessoal que é inconsistente com o interesse mais amplo que eles deveriam considerar”¹⁹(LUTZ, 1998, tradução minha, p. 72).

Dessa forma, as emoções estariam em desarmonia com o pensamento, no sentido de que o primeiro possibilitaria o alinhamento com o interesse geral, e não apenas o particular. A pessoa que age emotivamente pode então frustrar a realização de objetivos mais globais e sociais, pois seu julgamento estaria enviesado pelas emoções. Essa maneira de conceber as emoções como subjetivas teria valoração negativa nos sistemas culturais que enfatizam a natureza individualizada da pessoa, tendo a racionalidade como polo oposto às emoções.

A segunda perspectiva está ancorada na forma de se conceber os sentimentos como uma perspectiva do indivíduo em situação, onde a subjetividade das emoções exerce papel fundamental na individualidade e estariam baseadas na personalidade do indivíduo. Em primeiro lugar, as emoções constituiriam a opinião pessoal, ao contrário do pensamento que, sendo objetivo, transcenderia o indivíduo ao campo do social. Em um segundo momento, as emoções constituiriam a privacidade e inviolabilidade do indivíduo, onde o acesso aos sentimentos estaria impossibilitado por alguém que não seja seu portador. Lutz aponta que:

A crença na privacidade das emoções é de alguma forma qualificada por outras ideias que esboçam como é possível saber o que a outra pessoa está sentindo sem que o outro diga ou mesmo deseje que saibamos. Expressões, corpo, gestos e tons de voz são então colocados em primeiro plano como indícios

19 To say of individuals that they are acting emotionally is to say that they are acting on the basis of a personal interest which is inconsistent with the wider interest they ought to consider.

relativamente involuntários, ou “vazamentos” dos estados internos da pessoa²⁰ (LUTZ, 1998, p. 72).

As duas maneiras apresentadas por Lutz, onde o fenômeno emocional se entrelaça com a noção de subjetividade, pressupõem, inicialmente, a condição de interioridade em que as emoções se encontram no plano individual. No relato da Amanda, a ênfase dada à brincadeira em uma atividade que implicou relações afetivas entre duas garotas, juntamente com a ausência da paixão para qualificar a intencionalidade e o engajamento na atividade, demonstrou desconsiderar o campo afetivo que comprometeria o seu armário perante a prima. Sendo as emoções concebidas em termos individuais e atreladas à personalidade, negar a sua existência na cena relatada operou para evitar endossar o efeito individualizante que caracterizaria a maneira ocidental de conceber as emoções em relação à subjetividade.

Considerações finais

As cenas analisadas acima permitem uma leitura sobre algumas situações sociais onde a sexualidade se torna um tema na troca de informações entre os interlocutores: a jovem e a sua mãe, por um lado, e o grupo de amigos, por outro. Uma situação social, por sua vez, pode ser definida como um ambiente onde indivíduos permanecem em “possibilidades mútuas de monitoramento”, pois se encontram “acessíveis aos sentidos nus de todos os outros” (GOFFMAN, 2013, p. 17). Nas duas ocasiões descritas, a partir do relato da segunda entrevistada, desdobram-se diálogos referentes às condições e possibilidades de uma revelação, ou seja, onde os termos que definem o armário se tornam sumariamente estendidos ou restringidos. Em

20 No original: “Belief in emotions’s privacy is somewhat qualified by other ideas which outline how it is possible to know what someone else is feeling without the other’s telling us or even wishing us to know. Faces, body, gestures and tone of voice are then foregrounded as relatively involuntary indices, or “leakages” of the person’s internal states” (LUTZ,1998, p. 72).

tais momentos, pôde-se considerar os empenhos linguísticos na medida em que os integrantes, em conjunto, intentam conservar a sustentação da situação.

Goffman chama a atenção para o que denominou fachada pessoal [face], o “valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular”, e mais, “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados (...)” (GOFFMAN, 2012, p. 13 - 14). A fachada pessoal não se encontra alojada no indivíduo, em seu corpo por exemplo, mas permanece difusa nos fluxos de eventos que compõem uma interação social. No entanto, deve-se destacar que a sua condição de possibilidade não se retém unicamente no interior da situação, ela se estende para o seu exterior, na medida em que o indivíduo ocupa uma posição social no mundo e, conseqüentemente, informações a seu respeito podem interferir na sustentação ou suspensão desse valor social positivo. Ou seja, a validação de uma imagem positivada em um determinado contexto depende, em parte, do desempenho e engajamento individual em contextos distintos.

Por esta perspectiva, quando se observa determinados encontros onde uma informação de si pode desautorizar uma pessoa a esperar uma fachada pessoal na qual acredita ser compatível consigo mesma, o que efetivamente está em jogo é, de certo modo, maior que o seu engajamento imediato. O seu desempenho passado lhe permitirá reivindicar uma determinada “imagem do eu” junto dos seus interlocutores, no entanto, o engajamento imediato possibilitará, no futuro, a sua renovada demanda por reconhecimento da fachada pessoal.

Quando observamos as cenas relatadas pela Amanda, ou presentes na pesquisa de Lago e de Lewis, um dos aspectos a ser considerado é o receio de distorção da imagem de si, o que produzirá efeitos sobre os futuros engajamentos. A própria noção de “armário” proposta por Sedgwick pode ser delineada nestes termos, na medida em que, à imagem do eu, associa-se um valor social que será acionado nas mais diversas interações sociais. Um dos

efeitos concernentes à condição de “estar no armário” é, de alguma maneira, o receio de perda deste valor social positivo, dando lugar ao estigma social. Por outro lado, o esforço presente em diversos coletivos e movimentos sociais para propiciar a visibilidade de distintas identidades sexuais, tal como presente na pesquisa de Lewis (2012), consiste, no que tange a dinâmica interacional dos atores sociais, numa ampliação das considerações afetivas que sustentam a fachada pessoal. Ou seja, mudanças no cenário cultural permitem modificar a forma como as pessoas se relacionam, como se organizam em grupos e se engajam em diferentes interações sociais (HOCHSCHILD, 2013, p. 195).

Referências

ANGELIDES, Steven. *A history of bisexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

CALMON, Diego. “*Personalidades foscas*”: sexualidade e roteiro em jovens universitários no Rio de Janeiro. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

GOFFMAN, Erving, *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

_____. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Petrópolis, Vozes, 2012.

_____. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

_____. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. (Org). Sociolinguística interacional. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HOCHSCHILD, Alie Russell. Trabalho emocional, regras de sentimento e estrutura social. In: Maria Claudia Coelho (Org.). Estudos sobre interação: textos escolhidos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LAGO, R. F. Bissexualidade masculina: uma identidade negociada? In: HEILBORN, M. L. (org.) *Sexualidade: um olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LEWIS, S. E. “*Não é uma fase*”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. 267 f. Dissertação

(Mestrado em Letras) Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

LUTZ, Catherine A. *Unnatural Emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll & their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. “A epistemologia do armário”. *Cadernos Pagu*, nº28, p. 19-54, 2007.

Recebido em maio de 2020.
Aprovado em julho de 2020.